

A “maneira negra” de Fernando Vilela

Luis Pérez-Oramas

Sempre me senti atraído pelo plano e denso oceano de tinta através do qual, entalhando as sombras, os grandes gravadores não cessam de inventar a luz: a luz como verdade mineral, como objeto escondido na noite do mundo, que temos de desenterrar, encontrar sob o escuro peso da vida, nos cantos vespertinos da matéria cavernosa que somos.

Fernando Vilela, 2012
monotipia xilográfica e fotografia
110 x 160 cm



Refiro-me ao negrume da gravura, à “maneira negra”, essa forma absoluta das cinzas. Consiste em um abrupto escurecimento do campo visual, sombra excessiva e impenetrável que tudo cega e através da qual, como por resplandecências ou rasgamentos, entre fissuras de claridade, o visível se destaca e se torna forma na incerteza de uma profundidade de campo que denuncia a vida como algoritmo de mistérios e trabalhosos claros-escuros.



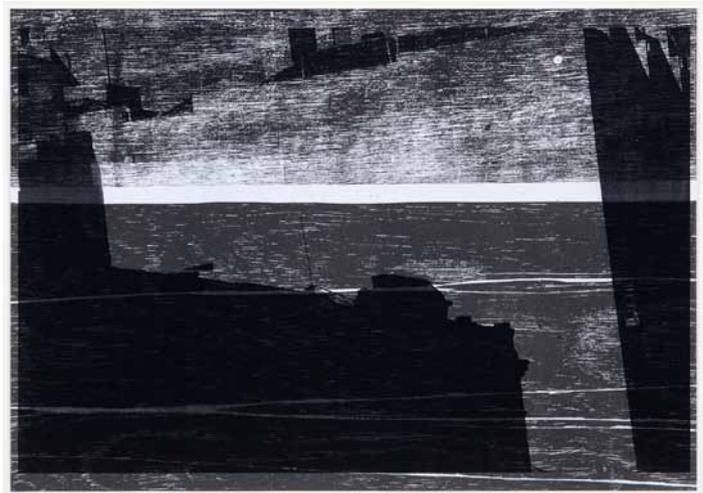
É Rembrandt de Leyde diante de sua primeira *Fuga para o Egito*, escurecendo uma cena de Seghers, entalhando o já entalhado, transformando a figura de Tobias em exegese icônica do carpinteiro de Belém; é o nicho cego de algumas árvores frondosas nas cenas pastoris de Claude Lorrain; são as formas fantasmagóricas de Goya, uma nuvem escura que deforma o rosto das multidões em seus *Caprichos* e *Tauromaquias*; são as arcadas sombrias da noite parisiense nas gravuras de Meryon; o Éden maravilhoso de Rodolfo Bresdin com seus macacos, seu asno e seus veados; alguma dança noturna de Whistler; é a crônica escura da cidade que está por vir de Oswaldo Goeldi; o mar crispado como uma escrita ilegível de Vija Celmins; são algumas noites flutuantes com suas crianças suspensas e a fumaça que paira sobre o sonho nas gravuras de José Suárez Londoño.



Rembrandt Van Rijn
Fuga para o Egito, c.1653
Gravura em metal / 21 x 28 cm

Charles Meryon
L'Arche du Pont Notre Dame, 1853
Gravura em metal / 15 x 19 cm

Oswaldo Goeldi
Tarde, 1954
xilogravura / 20,5 x 26,5 cm



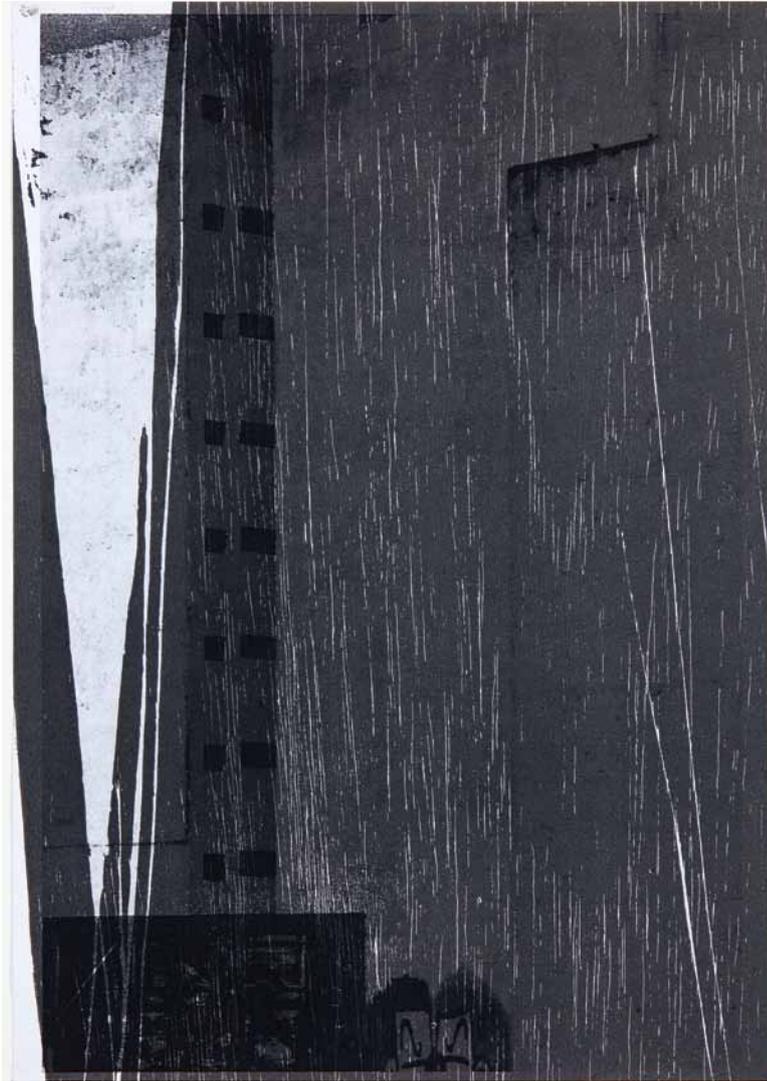
Fernando Vilela também se dedica à “maneira negra” e pertence, assim, a essa ilustre família de artistas. Especialmente em suas últimas obras, em que a chicotada impecável da luz, na fotografia, vem se acrescentar à infatigável mordida da madeira, na xilogravura. O fato de que as nervuras da madeira suportem os rastros sombrios da cidade que já foi não deveria passar despercebido: a espessura noturna da tinta filtra aqui a caótica e diurna densidade da metrópole paulista.



Ocorre então um prodígio de condensações: a memória perdida de Josef Albers – de quem provavelmente Lygia Pape extraiu as lições básicas que lhe permitiram, um dia no fim dos anos 1950, ao conceber seus *Tecelares*, inventar a “maneira negra” para a geometria neoconcreta – ressurgue mais uma vez associada, inesperadamente, a outro moderno e a outro esquecido que se torna imagem viva na gravura de Vilela: Willys de Castro.

Fernando Vilela
Cidade - Diptico 2012
xilografura e fotografia / 30 x 42 cm

Lygia Pape
Tecelar, 1955-59
xilografura

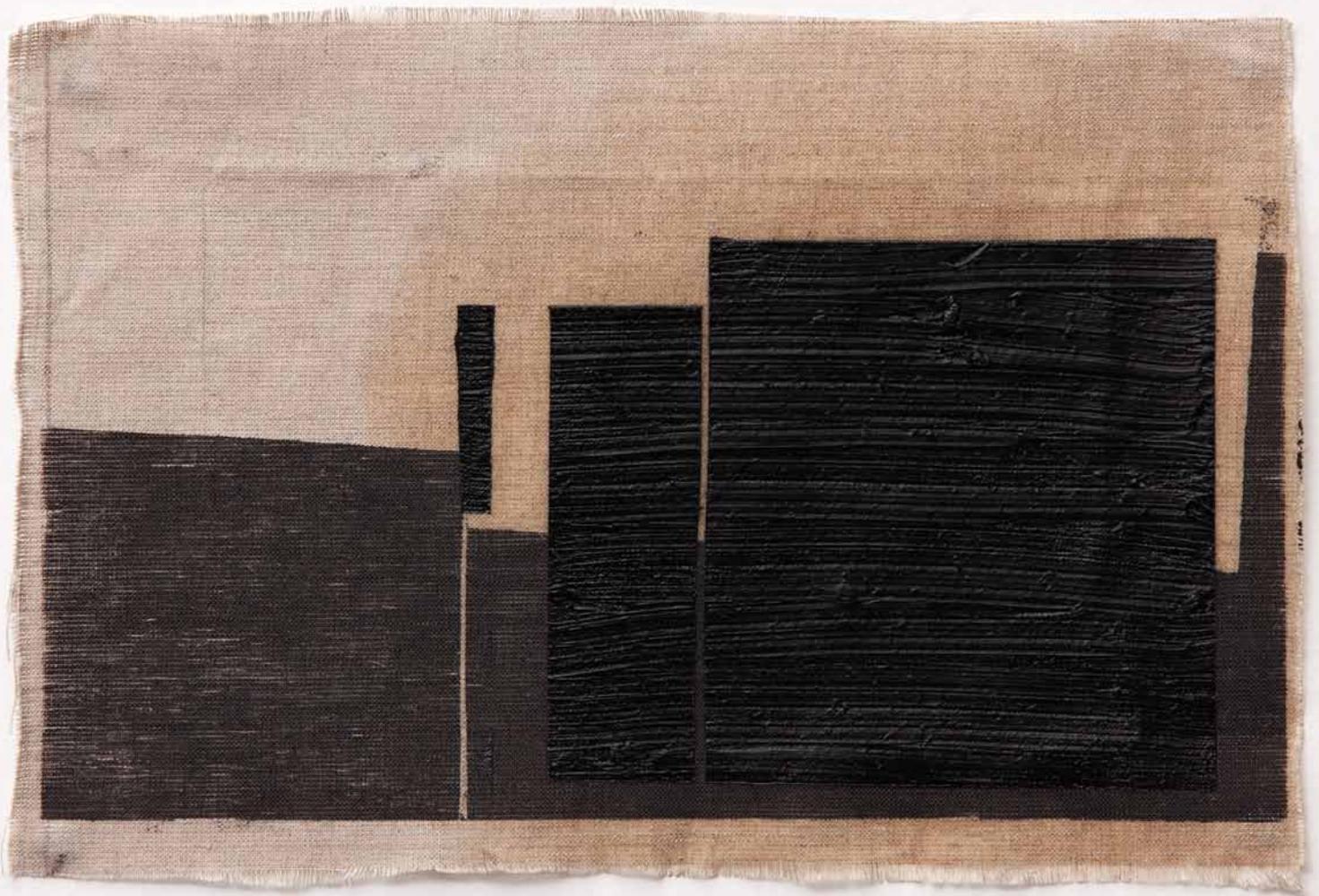


Fernando Vilela, 2012
monotipia xilográfica e fotografia
110 x 160 cm

Willys de Castro
Objeto Ativo, 1961



Ninguém deixará de ver, nas gravuras de Fernando Vilela, entre os veios da prancha e as secas correntes de tinta, ali onde a atmosfera de teia receia suas cidades, os escarpados triângulos arquitetônicos, os angulosos volumes que mal se tocam em seus vértices, as sutis e afiadas diagonais de luz, os mudos alinhamentos de janelas como se fossem adormecidos *Objetos Ativos*.



Este encontro, que ocorre também em outros territórios materiais, na espessura do óleo, na rústica tela crua de suas pinturas com gravuras, me fez pensar no destino construtivo das formas modernas e na possibilidade que ainda têm de continuar sendo, com a condição de saberem tomar certos caminhos de volta: a natureza construtiva deste trabalho se desvincula da abstração para reencontrar-se com a cidade, com o cenário que habitamos, com o presente que vivemos. Assim ecoa hoje, ainda, na múltipla genealogia da gravura e no inédito ressurgir desta via noturna, ou seja, na “maneira negra” de Fernando Vilela, o esplendor sempre furtivo da luz que nos abriga.

Fernando Vilela, 2012
óleo e xilogravura sobre linho
20 x 30 cm

Tradução: Gênese Andrade

Fernando Vilela

Artista plástico, escritor, ilustrador e educador, Fernando participa no momento da mostras “4 Ensaio Gráficos” na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Realizou exposições individuais no Centro Cultural São Paulo, no Centro Universitário Maria Antonia e em 2010 foi contemplado pelo Prêmio Funarte de Arte Contemporânea. No exterior expôs na Bélgica, França, Estados Unidos e México. Como autor e ilustrador já publicou em sete países. Dentre seus livros destaca-se *Lampião e Lancelote* (Cosac Naify, 2006) que recebeu dois prêmios Jabuti no Brasil e a Menção Novos Horizontes do Prêmio Internacional *Bologna Ragazzi Award* em 2007. Seu trabalho pode ser visto no site www.fernandovilela.com.br.

Luis Pérez-Oramas

Escritor, poeta e historiador é PhD em História da Arte pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris, é curador geral da 30ª Bienal Internacional de São Paulo e atual curador de arte latino-americana Museu de Arte Moderna de Nova York, o MoMA. Em 2009, assinou a mostra *O Alfabeto Enfurecido*, que reuniu trabalhos de Mira Schendel e León Ferrari no MoMA, no Museu Reina Sofia e na Fundação Iberê Camargo. Em 1998, na 24ª Bienal, com a curadoria de Paulo Herkenhoff, Oramas foi um dos curadores convidados em um dos três segmentos da mostra: o “Núcleo histórico: antropofagia e histórias de canibalismos”.

FERNANDO VILELA

PINTURAS E GRAVURAS

Abertura

13 de nov às 20h

Exposição

14 de nov a 7 de dez de 2012

seg a sex das 10 às 19h

sáb das 10h às 17h

galeriavirgilio

Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto 426

05415-020 São Paulo SP Brasil

T (55 11) 3061.2999

artevirgilio@uol.com.br

www.galeriavirgilio.com.br

Texto

Luis Pérez-Oramas

Seleção de obras

Luis Pérez-Oramas

André Severo

Fernando Vilela

Montagem

Luis Pérez-Oramas

André Severo – assistente

Fotografia

Everton Ballardin

Projeto gráfico

Fernando Vilela

Carina Tiyoda

Tradução

Gênese Andrade

Revisão

Alícia Toffani

Assessoria de imprensa

Decio Hernandez di Giorgi

Produção

Carina Tiyoda

Jurandi Inhuma

Renata Koitara

Agradecimentos

Stela Barbieri

Luis Pérez-Oramas

Izabel Pinheiro

Celso Massola

Carina Tiyoda

Jurandi Inhuma

Renata Koitara